Pais *(não)* nascem prontos: ADOLESCENTES

Monica Donetto Guedes
Organizadora

INM Editora

Pais *(não)* nascem prontos: Adolescentes

Pais *(não)* nascem prontos ADOLESCENTES

Organizadora
Mônica Donetto Guedes

Prefácio
Sergio Gomes

INM Editora

Copyright © 2023 by Mônica Donetto Guedes

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei n. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei n. 10.994, de 14 de Dezembro de 2004 e a Lei n. 12.192, de 14 de Janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes
Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes
Preparação de Texto: Priscila Calado
Revisão Ortográfica: Priscila Calado
Secretaria: Nawana Taranto
Preparação das Imagens: Caren Dantas
Marketing Digital: Lyvia Gomes
Capa e Diagramação: Negrito Produção Editorial

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pais (não) nascem prontos : adolescentes / organização Mônica Donetto Guedes ; prefácio Sergio Gomes. – 1. ed. – Rio de Janeiro : INM Editora, 2023.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-995450-9-2

1. Adolescentes – Aspectos psicológicos 2. Adolescentes – Aspectos sociais 3. Filhos – Criação 4. Pais e filhos 5. Pais e filhos – Relacionamentos 6. Paternidade I. Guedes, Mônica Donetto II. Gomes, Sergio.

23-160387 CDD-155.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Adolescência : Psicologia 155.5

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

INM Editora
Avenida Pasteur, 184/1003
Botafogo – Rio de Janeiro-RJ
CEP: 22290-240
Tel.: (21) 97372-6671
contato@inmeditora.com.br
inmeditora.com.br

Instragram: @nebulosamarginal
Facebook.com/nebulosamarginal
Youtube.com.br/NebulosaMarginal

Agradecimentos

A todos os coautores por compartilharem com brilhantismo suas autorias. A Bruno Gomes e Sergio Gomes, meus editores, pela competência em todos os projetos que colocam as mãos! Não foi diferente com o nosso livro. A Nawana Taranto, pela dedicação incansável. Aos meus pais, Maria José e Jorge, por serem responsáveis pela adolescente pulsante que habita em mim. Ao Fernando, meu marido, pelos toques afetuosos e pelas trocas diárias. Aos meus filhos, Fernanda e Luiz Fernando, que me tornaram mãe de adolescentes, e a Gabi também! Em memória da psicanalista Virginia Portas. E um agradecimento especial a todos os adolescentes que, nos mais variados tempos, passam pela minha clínica.

Mônica Donetto Guedes

tudo em mim
anda a mil
tudo assim
tudo por um fio
tudo estivesse no cio
tudo pisando macio
tudo psiu

tudo em minha volta
anda às tontas
como se todas as coisas
fossem todas
afinal das contas

Paulo Leminski

Sumário

Prefácio: A invenção da adolescência. 13
Apresentação. 23

1. A fantástica fábrica de oportunidades da adolescência! . . . 33
Ana Raquel Cardoso de Oliveira

2. Entender para lidar melhor com a ansiedade nos adolescentes 41
Anna Carolina P. Machado

3. Adolescência: um caminho de passagem entre a família e o mundo 53
Benedita Cleusa Cicilini

4. A busca pelo gosto de ler do jovem por meio da porosidade entre literatura e outras artes 63
Cacau Vilardo

5. "Meu corpo, minhas regras?" – As consequências da gravidez na adolescência 75
Christiane Gomes de Souza Sant'Anna

6. Como criar trigêmeos? Desafios da parentalidade múltipla na adolescência 89
Danielle Fernandes Martins de Oliveira

7. Sou adolescente. Por que, em geral, sou tão imprudente e destemido? 99
Denise Ferreira

8. Adolescência e drogas: a importância dos limites como prevenção 111
Eduardo Rawicz

9. Quando o presente e o futuro me ameaçam: suicídio e parassuicídio na adolescência 121
Elisa Bichels

10. O adolescente e sua incrível potência criativa 135
Elizabeth Werdt Wakim

11. Religião, espiritualidade e a importância da transcendência na adolescência 145
Felipe Faria de Nazareth

12. Diga-me com quem tu andas? As novas relações a partir das redes sociais. 155
Fernanda Donetto Guedes

13. Adolescer em família: o diálogo entre gerações 165
Fernanda Ribeiro Palermo

14. Na ausência da figura paterna, onde foi parar o meu herói?. 175
Gabriel Medeiros

15. Entre o infantil e a vida adulta: quem sou eu?. 185
Henriete Schteinberg

16. A adolescência e a solidão como companheira 197
Ivana Maria Magalhães Pontes de Loureiro Araujo

17. Adolescentes não cometem crime: mito ou verdade? 209
Luciana Pereira Grumbach Carvalho

18. Adolescência terminável ou interminável: atravessamentos familiares que interferem no desenvolvimento dos jovens 217
Márcia Mattos

19. Sobre viver a adolescência e sobreviver à adolescência . . . 229
Marcia Pires Ribeiro Dias

20. Transtornos alimentares na adolescência 239
Maria Angélica Fiut

21. Reflexões sobre preconceito e estereótipo no processo de construção da identidade 251
Maria Carolina Nemec

22. Carta de uma jovem homossexual aos seus pais 261
Mônica Donetto Guedes

23. Por que os adolescentes agem como adolescentes? 273
Mônica Parlangelo

24. Cadê o brócolis que estava aqui? 283
Raphaella Bonilha

25. Mentira de adolescente e adolescente de mentira 293
Renata Botelho

26. A adolescência como sinal de esperança 305
Sergio Gomes

27. A importância do projeto de vida (vital) na adolescência. . 317
Tanise Teruszkin Wiedermann

28. O desafio da escolha profissional na adolescência: a importância da orientação e planejamento de carreira . . . 329
Vania Loureiro

29. (Re)Conhecendo o meu corpo: a conscientização corporal do adolescente 339
Vitor Aguiar

30. Conversas feministas na adolescência para evitar estigmas machistas 349
Viviane Alves Santos Silva

Prefácio
A invenção da adolescência

"O dever dos jovens é envelhecer. Suma Sabedoria.
Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos
é manifestamente a de rejuvenescer?"

CONTARDO CALLIGARIS

O livro que o leitor tem em mãos é resultado do esforço da psicanalista e psicopedagoga Mônica Donetto Guedes em dar continuidade ao seu livro anterior, *Pais (não) nascem prontos! Construindo caminhos para o desafio de educar*, publicado em 2022. Neste novo livro, Mônica Donetto conseguiu reunir mais de trinta autores das mais diversas áreas em torno do tema da adolescência. O objetivo, longe de ser um manual para os pais e educadores, é propor uma conversa com profissionais das mais variadas áreas, tratando de assuntos de interesse diversos, conforme o leitor poderá perceber.

Em breves artigos ao longo do livro, o leitor encontrará uma série de profissionais dialogando com pais e mães sobre as questões mais diversas enfrentadas por seus filhos ao atravessarem o árido deserto da adolescência, com a esperança de encontrar um belo oásis.

Mas seria a adolescência uma invenção moderna ou um modo de vida? Estaria ela atrelada ao desenvolvimento físico, psíquico,

sexual e emocional ou estaria atrelada a um ideal da moral burguesa que precisou distingui-la da infância e da vida adulta? E se a adolescência se constituiu em uma invenção ou fora criada, onde poderíamos situá-la na história? Essas são questões que não são tão fáceis assim de serem respondidas, de modo que eu gostaria de tratar delas a partir de uma pequena história lúdica e dialogar com o leitor e os demais autores do livro sobre esse personagem.

Em Toronto, no Canadá, em uma pequena comunidade japonesa tradicional, uma garota de 13 anos chamada Meilin Lee, tem de se haver com seu dia a dia na entrada da adolescência. Mei Lee ou Mei Mei, na verdade, é a personagem principal do filme *Red: Crescer é uma fera* (*Red*, Disney/Pixar, 2022), que vai descobrir as delícias e as dores em atravessar a transicionalidade da infância para a puberdade e da puberdade para a adolescência, não sem antes passar por uma série de experiências que podem ir do desastre absoluto ao paraíso encantado, pois não há como chegar na vida adulta sem passar por esse período.

Está tudo lá: o grupinho das melhores amigas da escola, o flerte com os garotos, o desejo de ir ao show da sua banda preferida (com direito a pôsteres na parede do quarto), as redes sociais, a descoberta da sexualidade, a menstruação e a necessidade do uso de absorventes, o *bullying* dos garotos da escola, a dificuldade de comunicação com os pais, e principalmente as mudanças hormonais e corporais, psíquicas e sociais, enfim, uma série de novas experiências que ela não estava preparada para lidar, porque tudo é vivido muito rápido, em um estalar de dedos. Mas o que o filme traz para a discussão principal é a metáfora da transformação corporal e a sistemática mudança de humor pelas quais todo ou toda adolescente passa. Devido a uma experiência transcendente de seus antepassados, as mulheres de família de Meilin Lee se transformam em um panda vermelho quando entram na adolescência, daí entendemos o porquê da sua mãe ser tão invasivamente cuidadosa e tão obsessivamente protetora. Cada panda vermelho

tem uma característica de personalidade e de humor, uns mais difíceis, outros mais tranquilos, uns mais agressivos, outros mais de bem com a vida. Não poderia ter melhor metáfora para essa fase do desenvolvimento humano.

Meilin Lee vai descobrir "como é ser adolescente" em meio a pais tão diferentes: de um lado, um pai carinhoso, amoroso, acolhedor, aberto ao diálogo e presente; do outro, uma mãe exigente, autoritária, invasiva, superprotetora e excessivamente presente (em vários momentos do filme, ela fica observando a filha na escola para tentar lhe entregar uma caixa de absorventes!). Por fim, ao se transformar em um panda vermelho gigante, Meilin Lee vai tentar esconder *quem* ela realmente é e lutar contra essas mudanças. Ela não aceita as mudanças em seu corpo e muito menos o que essas mudanças podem provocar nas pessoas. Afinal, crescer física, psiquicamente e emocionalmente é doloroso, muito doloroso. Não há crescimento sem dor. Não há crescimento sem conflito. Não há crescimento sem viver a experiência. Nesse sentido, recorre às amigas para dar conta das mudanças e poder, a certa altura do filme, enfrentar sua mãe ao afirmar: "Eu não sou mais sua nenenzinha, eu gosto de meninos, eu gosto de ouvir música alta, eu gosto de chacoalhar, eu tenho treze anos, supera isso!", deixando sua mãe estarrecida e ao mesmo tempo enfurecida. É como se Meilin Lee dissesse: "Mãe, acorda! Veja quem realmente sou, quem realmente me tornei, eu cresci! Não sou mais o seu bebezinho!".

Então, o que é "ser adolescente"? Desde quando essas vivências passaram a fazer parte da nossa rotina enquanto pais ou educadores? Como sabemos, hoje temos literatura suficiente para afirmar que "ser adolescente" nem sempre foi uma fase de fácil reconhecimento. Aliás, "ser adolescente" é, de fato, uma identidade nova na história. Há mais de setenta anos, não existia esse tal de "adolescente". Este personagem precisou ser inventado!

De acordo com o historiador Philippe Ariès, a própria ideia de criança é uma invenção tardia na modernidade. Desde a Idade Mé-

dia, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas (ou um anão seguro de que não permanecerá assim para sempre), e participavam do mesmo espaço público que os adultos, não havendo nenhuma distinção entre público e privado e muito menos uma identidade própria. "A sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. (...) De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em um homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude" (Ariès, 1986, p. 10).

Como o tempo de "ser criança" e "ser adolescente" são muito breves ao longo do desenvolvimento humano (dura em média 8 anos), acabava-se por dar menos importância e reconhecimento a ambas as etapas da vida, ou, como o próprio autor afirma, "a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade" (Ariès, 1986, p. 10).

Foi somente quando a família passou a se organizar em torno da criança e a lhe dar a devida importância que ela saiu do anonimato e passou a ser reconhecida. Isso não se deu por acaso. Foi precisamente no fim do século XVII e início do século XVIII que houve o recolhimento da família longe das ruas, das praças e das vilas coletivas. Foi também a arquitetura vitoriana que passou a dividir os cômodos da casa, produzindo a ideia de intimidade e privacidade dentro da família nuclear burguesa. "Essa nova organização do espaço privado havia sido obtida através da independência dos cômodos, que se comunicavam por meio de um corredor (...) e sua espacialização funcional" (Ariès, 1986, p. 23). Ou seja, trata-se da privatização da vida familiar que nasceu conjuntamente com a ideia de privacidade e consequentemente de criança. O surgimento da relação mãe-bebê e do mito do amor materno veio da privatização dos cômodos da casa no século XVIII e do lugar da família no cuidado da criança, estabelecendo as idades da vida.

De acordo com o historiador francês, na história social da criança e da família, durante a Idade Média, houve a distinção de quatro

idades da vida como formas de conceber a biologia humana: 1) a infância ou puerilidade; 2) a juventude ou adolescência; 3) a velhice e 4) a senilidade. A infância era demarcada pelo momento da dentição; a puerilidade ia até os 14 anos de idade; a adolescência era concebida como a terceira idade dos seres humanos até chegar à velhice e à senilidade. Desde a Idade Média, não havia lugar diretamente para a adolescência, concebida como uma parte da própria infância. O que existiam eram imagens iconoclastas dessa fase da vida. Por exemplo, o adolescente era concebido como um "*querubin*", referente da idade da puberdade, com seu aspecto feminino e transicional da infância para o adulto. O adolescente passou também a ser pensado como o personagem *Siegfried*, da ópera de Wagner, no início do século XX, com sua pureza provisória e força física, espontaneidade e alegria de viver, fazendo do adolescente um herói moderno do século passado.

Antes de surgir o adolescente, a ideia de juventude passou a ser comum nas primeiras décadas do século XX, sobretudo com a ideia de romantismo, industrialização, delinquência, escolaridade e a experiência da morte, após a Primeira Guerra Mundial, no qual o "cadete" estaria para a adolescência assim como o estudante estaria para a infância.

Com a possibilidade da morte no imaginário social contemporâneo do século passado, não devido a uma, mas a duas guerras mundiais, muitas crianças (e adolescentes) ficaram órfãs de pais e soltas nas ruas, submetidas à violência e sujeitas à delinquência (os textos dos anos 40 do pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott, demonstram as consequências nefastas da guerra no que se refere ao que ele denominou de *comportamento antissocial* e *delinquência* na vida de crianças e adolescentes). Ora, conforme afirma o psicanalista Contardo Calligaris, "a comunidade é a verdadeira depositária da continuidade da vida", sem a vida em comunidade, não podemos ter o sentido de continuidade da existência e a vida vira "vida precária", ou seja, impossível de luto.

> Aqui a morte, por mais que seja um evento trágico e triste na vida do sujeito, não é um ponto final, conclusivo, pois a vida que mais importa não é a do indivíduo — que se perde com a morte. A comunidade sobrevive e segue. Ela é uma experiência que fala mais alto do que o fim do breve tempo de uma vida (CALLIGARIS, 2000, p. 62).

E continua:

> Com o fim da sociedade tradicional, a morte se torna fundamentalmente uma experiência individual, cujo sentido (ou falta de sentido) deve ser procurado no espaço da vida do indivíduo e não pode ser submetido pela significação mais ampla da comunidade (CALLIGARIS, 2000, p. 62).

Sem um sentido de uma comunidade (de pais?) preocupada com a proteção da infância e da juventude, não haverá esperança de futuro e continuidade da vida, muito menos a possibilidade de transmitir às gerações futuras a tradição e a cultura. Se a vida da criança e do adolescente não é valorizada, cuidada e protegida, o que resta?

> Para quem a morte é o fim de tudo, as crianças [e os adolescentes] se tornam a única consolação, a única promessa de algum tipo de continuação ou mesmo de imortalidade. Mas essa é apenas a razão para que o indivíduo moderno invente a infância [e consequentemente, a adolescência] (CALLIGARIS, 2000, p. 63, acréscimos meus).

Nesse sentido, os adolescentes passaram a ser idealizados pelos adultos e concebidos com uma identidade própria. Com o advento da industrialização, do romantismo e do pós-guerra, o conceito de adolescência aparecerá tardiamente na cultura ocidental[1].

---

1. Muito embora, David Le Breton (2017) afirmasse que ela já estaria presente em nossa sociedade burguesa desde o século XVIII e foi se cristalizando no século XIX até chegar a ser reconhecida totalmente no século XX, com a instauração obrigatória da escola.

Nos anos 60, o ideal adolescente era se tornar um adulto, inclusive esteticamente. O que eles queriam era ser mais bem aceito e reconhecido como adultos e obter acesso às diversas tribos. Seu desejo, na verdade, não era ser exatamente um adulto, mas se diferenciar tanto das crianças quanto dos adultos mais velhos.

Porque não era uma entidade nosológica, a adolescência não chamava a atenção, pois não era um fato social reconhecido, mas uma faixa etária, sem por isso se constituir um grupo social, afastando-se da concepção de infância. Hoje, o conceito de adolescente como o conhecemos tem um pouco mais de setenta anos. Ora, quanto mais a infância passa a se afastar de uma visão estética de sujeito, mais ela é vista em direção ao futuro e foi isso que forçosamente fez da adolescência um derivado contemporâneo da infância moderna (Calligaris, 2000).

Quando a adolescência passa a ser vista como um grupo social no qual os adultos também têm de tomar conta, nasce com ela uma série de dispositivos em seu entorno: da medicina moderna, com seus diagnósticos, tratamentos e cura, da psiquiatrização dos seus "transtornos", a sociedade de consumo, sociedade do risco e do império da moda não poderiam ficar de fora: nascem produtos para serem consumidos de uma hora para outra, que vão das roupas à educação meticulosa dos especialistas (dança, esportes, línguas, instrumentos musicais, etc.), dos jogos de videogame às redes sociais, de performances cognitivas à adequação da imagem corporal em academias e centros de estética. A transgressão social e cultural, em termos de modo de ser, vestir, falar, se comportar, uso de substâncias psicoativas, como álcool e drogas, tudo começa a fazer parte do registro adolescente.

Com isto também nasce o que chamamos de uma "instrumentalização da cultura do adolescente", no qual os problemas passam a serem vistos sob a ótica psiquiátrica, pedagógica, jurídica, neurológica, neurocientífica e psicológica ou psicanalítica. Sim, porque, a psicanálise também não ficou de fora disso. Com a queda vertiginosa da autoridade (Sennett, 2001), com a globalização e o

descentramento do sujeito (Hall, 2001), a destradicionalização e perda de valores simbólicos, a cultura do espetáculo e da cultura somática (Costa, 2006) e, por fim, com a cultura do narcisismo (Lasch, 1979), cada vez mais, tem chegado até nós analistas uma demanda maior de situações que precisamos nos instrumentalizar para dar conta das problemáticas dos jovens em um mundo em transformação. E quando falo de instrumentalização, não me refiro apenas ao tratamento proposto de escuta clínica psicanalítica do adolescente, mas também a proposição de acompanhamento e aconselhamento aos seus pais, que se encontram perdidos em meio às mudanças vividas pelos seus filhos.

No filme *Red: crescer é uma fera*, por exemplo, mudar a forma do corpo de humano para um panda vermelho gigante retrata a transição corporal dos adolescentes da forma mais inesperada: nos meninos, pelos começam a crescer nas pernas, nos braços, nas axilas, no rosto e na região pubiana; os ossos começam a ficar mais longos; o pênis também se desenvolve e sonhos sexuais começam a surgir juntamente com a polução noturna e a gordura da infância começa a desaparecer, dando lugar à musculatura e à forma a qual o corpo terá logo mais à frente na vida adulta. Nas meninas, além dos pelos do corpo e na região genital, os seios começam a se desenvolver e logo, logo aparecerá a menstruação, as cólicas menstruais e a mudança de humor decorrente da bomba de hormônios no corpo. Do ponto de vista psicológico, a mudança de personalidade e de humor se tornam recorrentes e inconstantes: ora o adolescente está bem, ora está excitado, ora está deprimido, ora está agressivo, ora está descontrolado. E os pais ficam perdidos em meio a não saber como acolher, como educar e como cuidar, porque eles *não nascem prontos* para saber lidar com esse estranho que chega até eles, ou como diz Andrew Solomon, em seu livro *Longe da Árvore*:

> A paternidade [e a maternidade] nos joga abruptamente em uma relação permanente com um estranho, e quanto mais alheio o estranho,

> mais forte a sensação de negatividade. Contamos com a garantia de ver no rosto de nossos filhos que não vamos morrer. Filhos cuja característica definidora aniquila a fantasia da imortalidade são um insulto em particular: devemos amá-los por si mesmos, e não pelo melhor de nós mesmos neles, e isso é muito mais difícil dizer. Amar nossos próprios filhos é um exercício de imaginação (Solomon, 2013, p. 11, acréscimo meu).

Apesar de não concordar totalmente com Andrew Solomon, em relação ao exercício de imaginação, o nosso objetivo como profissionais do cuidado é ajudar os adolescentes a se protegerem de si mesmos, quando necessário, e ajudar os pais a atravessarem esse período na vida dos seus filhos da melhor maneira possível.

Esse foi o desafio imposto por Mônica Donetto ao chamar os mais de trinta autores para conversarem em torno da questão da adolescência, de modo tão direto, amplo, sem meias palavras e sobre tantas questões que atravessam essa fase da vida.

Espero que o leitor possa usufruir dos textos que aqui se encontram, sobretudo os interessados em conhecer um pouco mais do universo dos adolescentes e descobrir, por si mesmos, se *pais nascem ou não prontos* para enfrentar a difícil tarefa de acompanhar uma fase de tantas mudanças na vida desses jovens. Uma excelente leitura para todos e todas!

Sergio Gomes
Psicanalista

Referências

Ariès, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Calligaris, C. A *adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

Costa, J. F. Entrevista com Jurandir Freire Costa. In: Cardoso, M. R. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006, p. 17-24.

Hall, S. A *identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Lasch, C. (1979). *A cultura do narcisismo:* a vida americana em uma era de expectativas decrescentes. São Paulo: Dois Pontos, 2023.

Le Breton, D. *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: puc-mg, 2017.

Red: crescer é uma fera. Direção: Domee Shi. Disney: Pixar, 2022.

Sennett, R. *Autoridade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Solomon, A. *Longe da árvore:* pais, filhos e a busca de identidade. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.